

PATRÍCIA ROMÃO

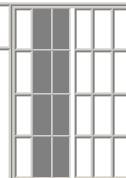


Depois da euforia, o medo de estar no ensino superior

A escola pequena, os amigos de sempre e os professores que perguntam pelos trabalhos foram substituídos por corredores labirínticos, caras anónimas e docentes distantes. O ensino superior pode criar grande ansiedade e ser uma desilusão para alguns. Como combatem as instituições o insucesso e o abandono? E o que é que os alunos podem fazer?

BÁRBARA WONG

--	--	--



É com desconfiança que Miguel confirma que acabou de entrar na universidade. Está com mais dois colegas. Entreolham-se e demoram algum tempo a responder, com receio que seja um esquema dos mais velhos para praxá-los. Mas acabam por confirmar: são alunos do 1.º ano no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, em Lisboa. Ainda não se conhecem bem, mas já perceberam que têm algumas aulas juntos.

Quase 35 mil jovens deixaram o ensino secundário e estão por estes dias a começar uma nova etapa: a frequência do ensino superior. É um tempo de alegria para a família. É um tempo de festa e de comemorações com os amigos. Mas é também um tempo em que o espírito se enche de dúvidas e de pequenas angústias: “E se eu não for capaz?”

Depois da euforia de saber que tinha entrado no ISCTE, Miguel, 18 anos, começou a preocupar-se com um sem-número de coisas: a cidade que não conhece muito bem – “sou

suburbano”; os amigos que foram para outras escolas e para outras terras; os corredores labirínticos onde ainda se perde; os professores que parecem “muito distantes”; as horas mortas em que não sabe o que fazer... Nesses momentos agarra-se ao telemóvel, a mandar mensagens ou a ouvir música. Sabe que alguns amigos estão como ele, “um bocado à toa”.

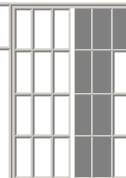
Pedro Rosário, professor do Departamento de Psicologia da Universidade do Minho, recorre a esta imagem: é o “efeito do pequeno peixe no grande lago”. Quando estavam no secundário estes alunos eram “pequenos peixes” num lago de menor dimensão – e por isso se destacavam; agora o lago é maior e eles “são um em N”.

São muitos os estudantes que “à primeira dificuldade desistem”, constata Isabel Gonçalves, do Núcleo de Apoio Médico e Psicológico, do Instituto Superior Técnico, em Lisboa. O Observatório da Ciência e do Ensino Superior não tem números do insucesso e abandono nos primei-

ros anos, mas o fenómeno existe e preocupa muito instituições que já o analisaram, como o Técnico ou a Universidade do Minho. “As expectativas de entrar [num curso superior] são muito elevadas e depois as dificuldades de adaptação podem levar à desilusão e mesmo ao abandono”, explica

“Depois de terem pago a portagem, a grande maioria acha que entrou na auto-estrada, mas este é um caminho muito sinuoso”

**Há que “colar o rabo à cadeira e estudar”.
“Estudar. Não ter medo de ir ter com os professores e colocar as dúvidas”**



Eugénia Fernandes, psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da Universidade do Minho.

Neste ponto os especialistas estão de acordo: a integração é o maior desafio que se coloca, a Miguel e a todos os caloiros, para combater o insucesso escolar. Se for feita nos primeiros 15 dias de aulas é possível prever que, em termos de resultados académicos, o impacto seja bom, avalia Cláudio Pina Fernandes, psicólogo que dirige o Gabinete de Apoio Psicopedagógico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Eugénia Fernandes defende que para a integração correr bem é importante quem se matricula pela primeira vez “participar em tudo”, ou seja, na maioria das actividades propostas pela escola. Só que às vezes, diz, os alunos nem se apercebem das iniciativas que existem. Participar em actividades desportivas e culturais pode abrir portas a novos conhecimentos, a amizades com outras pessoas e ajudar a construir

aprendizagens ao nível do desenvolvimento humano, exemplifica Cláudio Pina Fernandes.

Alunos inquiridos na Universidade do Minho apontam ainda a praxe como outra actividade que faz parte do processo de integração, conta Eugénia Fernandes. Dizem que permite criar laços. Mas na opinião da psicóloga esses rituais também podem “desencadear vulnerabilidades” e até levar ao abandono escolar.

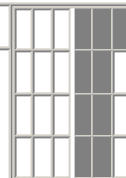
Importância das primeiras semanas de aulas

Além disso, aponta Isabel Gonçalves, o tempo que os alunos despendem, no início do ano lectivo, em festas e recepções aos caloiros é tempo de aulas perdido. Há disciplinas, como as ciências exactas, onde é mais difícil recuperar matéria, sobretudo quando “há alunos repetentes que dizem que não vale a pena”; e as primeiras semanas “são essenciais para conhecer os professores e começar a trabalhar”.

Muitos caloiros estão convencí-

dos que a grande dificuldade era entrar. “Depois de terem pago a portagem, a grande maioria acha que entrou na auto-estrada, mas este é um caminho muito sinuoso”, ilustra Graça Dias Figueiredo, psicóloga responsável pelo Gabinete de Apoio Psicológico e Acompanhamento da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa – o primeiro serviço de psicologia criado numa instituição de ensino superior, em 1983.

Há, por isso, que “colar o rabo à cadeira e estudar”, recomenda Graça Figueiredo Dias. “Estudar. Não ter medo de ir ter com os professores e colocar as dúvidas.” ■



Como ser “responsável e autónomo”?

Estudantes saem do secundário “amestrados” e sem saber estudar. Famílias “têm de tratá-los como adultos”

BÁRBARA WONG

A escola onde todos se conhecem é substituída pelo *campus* anónimo. Os professores que passam trabalhos para casa são trocados por docentes que distribuem listas de bibliografia. O quarto onde se dormiu uma vida inteira dá lugar a uma residência de estudantes ou uma casa alugada com um grupo de colegas.

Para enfrentar todas estas mudanças é preciso ser-se “responsável e autónomo”, dizem os psicólogos ligados a serviços universitários contactados pelo PÚBLICO. O problema é que os jovens chegam ao ensino superior cada vez mais imaturos, acrescentam.

O ensino secundário “amestrou” os alunos. É a opinião de Pedro Rosário, da Universidade do Minho e autor do livro *Comprometer-se com o Estudar na Universidade: Cartas do Gervásio ao seu Umbigo* (Edições Almedina). “Os bons alunos do secundário estudam para o teste, fazem os trabalhos de casa, estão sempre a ser monitorizados... O problema é que, depois do Verão, os mesmos estudantes chegam a um sistema diferente e não sabem decidir o que estudar”, continua.

“Um dilema de difícil resolução”

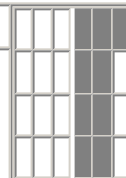
Com a aplicação do processo de Bolonha, que prevê a harmonização, até 2010, do ensino superior europeu, o paradigma de ensino mudou e exige que os alunos sejam mais

responsáveis pelo seu percurso académico. Não só têm mais horas de trabalho prático e de estudo como vão ter de tomar opções com implicações nas saídas para o mercado de trabalho. Só que em muitos casos não estão preparados para fazer escolhas, nota Eugénia Fernandes, da Universidade do Minho.

Mas o problema não está só no sistema de ensino secundário. “Por um lado, [os alunos] são superprotegidos porque os pais lhes dão tudo, o telemóvel, o portátil, as explicações, o carro... Por outro estão superabandonados porque os pais estão a trabalhar para poder dar tudo. E este é um dilema de difícil resolução”, reflecte Isabel Gonçalves, do Instituto Superior Técnico, em Lisboa. “As famílias têm de tratar os jovens como adultos. Não podem facilitar-lhes demasiado a vida porque isso só promove a dependência”, recomenda.

Para ser bem sucedido no ensino superior não basta ter tido uma excelente nota de entrada. É preciso saber gerir o tempo, “comprometer-se” com o trabalho, com o desenvolvimento pessoal e ter noção da responsabilidade social para com o país, defendem Isabel Gonçalves e Pedro Rosário.

Para quem tenha mais dificuldade em fazer este caminho sozinho, muitas instituições disponibilizam cursos sobre métodos de estudo e programas de apoio que envolvem alunos e professores. ■



Estudantes contam com apoio de tutores

O projecto de tutorado do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, nasceu em 2003/2004. Este ano entendeu-se que era ainda mais necessário – até porque se prevê que a aplicação do processo de Bolonha suscite dúvidas nos alunos – e foi generalizado a todas as licenciaturas da escola.

Cerca de uma centena de professores estão disponíveis para, durante os dois primeiros anos dos cursos, acompanhar os estudantes. Reúnem-se com eles pelo menos duas vezes por semestre e têm outros contactos mais regulares, em grupo ou individuais. Essa comunicação é por vezes feita através de correio electrónico. A função do tutor é ajudar os alunos a compreender como funciona o curso, a planear o estudo e os momentos de avaliação.

Para Isabel Gonçalves, do Núcleo de Apoio Médico e Psicológico do Técnico, “é óbvio que é uma grande vantagem” ter este serviço. Alguns estudos revelam que “a tendência parece ser no sentido de haver menos abandono no 1.º ano, além de [o tutorado] ter algum efeito na assiduidade dos alunos”.

Em inquéritos realizados alunos envolvidos responderam que este sistema permitiu-lhes ter ideias sobre disciplinas a escolher e saídas profissionais. Isabel Gonçalves não tem dúvida: se os docentes tiverem um contacto mais próximo com os alunos, estes vão sentir “conforto em comunicar” com eles.

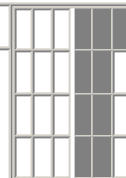
Também os professores dizem sentir-se mais motivados para dar aulas e perceber melhor as dificuldades dos estudantes. B.W.

Às vezes os mais velhos ajudam os novos

No início do ano, nalguns cursos da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa os caloiros conhecem alunos mais velhos que vão ajudá-los na adaptação ao ensino superior. São os mentores. Têm à sua responsabilidade um grupo de estudantes do 1.º ano, com os quais percorrem por exemplo as instalações da escola, dando a conhecer todos os cantos e serviços. Podem também ajudar os mais novos a estudar.

“O mentorado tenta não excluir ninguém. Quando o mentor ainda não conhece todos os alunos, telefona-lhes para saber quando podem encontrar-se”, explica o responsável do Gabinete de Apoio Psicopedagógico da faculdade, Cláudio Pina Fernandes. Os caloiros são livres de não participar no projecto.

A necessidade de criar este serviço partiu da constatação de que muitos estudantes tinham dificuldade em integrar-se – “muitos levam um ano inteiro a fazê-lo”, constata Cláudio Pina Fernandes. Além disso, com frequência os alunos desconhecem os recursos e serviços a que podem aceder ou beneficiar – como as bolsas de estudo. O mentorado permite ainda criar relações entre os novos alunos e os mais velhos e com os próprios professores. “Deste modo estamos também a contribuir para a redução do insucesso académico”, diz ainda Pina Fernandes. Os mentores têm uma hora semanal em que podem estar com os alunos do 1.º ano, para esclarecer dúvidas. B.W.



Psicólogos querem reconhecimento

Rede de apoio psicológico no superior à espera de se reunir com ministro

A Rede de Serviços de Apoio Psicológico no Ensino Superior é uma associação profissional que congrega psicólogos que trabalham em cerca de três dezenas de serviços ligados a universidades e politécnicos. Um dos objectivos da organização é ver reconhecido, junto do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, o trabalho desenvolvido nas instituições.

Desde a criação da associação (Resapes), há dois anos, que os profissionais “tentam ser ouvidos” pelo ministério, mas sem sucesso, lamenta Eugénia Fernandes, presidente da Resapes. “Influenciar os políticos para a importância destes serviços” é aliás um dos objectivos da rede, acrescenta Graça Figueiredo Dias, uma das fundadoras.

Ambas as profissionais

apontam o trabalho precário como o maior problema com que os psicólogos se debatem. Os serviços de psicologia actualmente existentes divergem muito entre si na forma como estão organizados: uns dependem directamente da direcção das escolas, outros dos serviços de acção social. “A preocupação é, mantendo esta diversidade, lutar pela segurança dos técnicos”, defende Eugénia Fernandes.

A Resapes funciona como rede de suporte aos diversos serviços. Um apoio que é feito através da oferta de acções de formação, organização de congressos, informação sobre actividades e encontros internacionais. A rede pretende criar uma plataforma *on-line*, que permita a consulta de textos e o debate de questões consideradas pertinentes. ■ B.W.

O RANKING

Sete das dez melhores universidades estão nos EUA, diz o Times

A Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, já aparecia em primeiro lugar em 2005; o Massachusetts Institute of Technology (MIT) passou da segunda para a quarta posição. Segundo o ranking deste ano do suplemento de ensino superior do jornal britânico *The Times*, publicado esta semana, as universidades norte-americanas continuam a dominar o topo da tabela: representam sete das dez mais bem colocadas. As restantes três são do Reino Unido. Se se tiver em conta o grupo das 30 melhores já entram no clube instituições da China, Austrália, França, Singapura, Japão, Canadá, Suíça. Na lista do *Times*, constituída pelas 200 universidades que, à luz dos critérios utilizados na avaliação feita pelo jornal, se saíram melhor, não há uma vez mais nenhuma portuguesa. E a primeira espanhola a aparecer é a Universidade de Barcelona (em 190.º lugar, quando no ranking do ano passado não constava sequer da lista das 200). Este ranking baseia-se numa sondagem a 3703 académicos de todo o mundo a quem é pedido que indiquem aquelas que consideram ser as 30 melhores instituições nas áreas em que são especialistas. Alguns outros indicadores tidos em conta: a opinião dos empregadores; o rácio professor/aluno; a capacidade de atrair estudantes de outros países; e o número de artigos científicos citados.

AS DEZ PRIMEIRAS



Universidade de Harvard, EUA

Universidade de Cambridge,
Reino Unido

Universidade de Oxford,
Reino Unido

Massachusetts Institute
of Technology, EUA

Universidade de Yale, EUA

Universidade de Stanford, EUA

California Institute
of Technology, EUA

Universidade da Califórnia,
Berkeley, EUA

Imperial College London,
Reino Unido

Universidade de Princeton, EUA